

## Introdução

Quando se buscam na literatura trabalhos que versem sobre o amor, indiscutivelmente encontra-se uma interminável lista de livros, artigos, pesquisas e estudos que discorrem sobre esse sentimento tão sublime. Em verdade, a todo instante nos deparamos com sua manifestação, ainda que por meio de filmes, poemas, novelas e canções. Como seres sociais, necessitamos do convívio com nossos semelhantes, e não há dúvidas de que, se essa convivência for permeada por esse sentimento tão primoroso, as relações serão favorecidas.

Em se tratando de estudos científicos, muitas são as teorias que promovem debates sobre o tema. Entre elas, podemos citar a do psicólogo social Zick Rubin, que desenvolveu um trabalho apontando como o amor se expressa por meio do comportamento. O amor materno, tema dessa dissertação, é conceituado, segundo a teoria de Rubin (1973), como um “modelo de amor altruísta”, isto é, no qual é enfatizado o componente “cuidado”. Esse cuidado é intrínseco e não demanda o mesmo retorno daquele a quem foi dirigido: “é cuidando do outro e fazendo todo o possível pela sua felicidade que o indivíduo motivado por este tipo de amor encontra sentido e satisfação em sua própria vida.” (RODRIGUES, ASSMAR, JABLONSKI, 2009, p. 325). Assim como a teoria de Rubin, todas as outras que conceituam o amor acabam lhe atribuindo um formato fixo e invariável, induzindo, conseqüentemente, respostas predeterminadas. No entanto, o amor materno que conhecemos na contemporaneidade difere muito do amor de séculos passados, mostrando como é complicado conferir sentido a algo subjetivo.

Alguns autores, como Badinter (1980) e Forna (1999), argumentam que até o século XVIII podemos falar em ausência do amor materno. Essa afirmação, contudo, torna-se coerente apenas se fizermos uma comparação daquele amor com o que conhecemos hoje.

Não nos parece possível mensurar o amor, nem mesmo definir qual é a melhor forma de ele ser expresso. É um sentimento construído com base em um contexto que se modifica no tempo e de cultura para cultura.

Nos últimos dois séculos, muitas transformações ocorreram em relação à maternidade. No final do século XIX e primeira metade do XX, a mulher, que, segundo alguns estudos, outrora não estabelecia vínculos afetivos com seus filhos, passou a se dedicar inteiramente à prole; a feminilidade foi encarcerada à

maternidade (única forma de se garantir a normalidade feminina); as mães passaram a seguir normas impostas pela sociedade – para gerar filhos saudáveis –, que faziam delas mães perfeitas; o amor materno, encarado como um instinto, tornou-se uma obrigação. Em outras palavras, a mulher tinha a maternidade como função essencial. Ela devia se preocupar em atender às necessidades e desejos dos filhos – tarefa de toda boa mãe – o que lhe traria satisfação e felicidade.

Entretanto, o modelo ideal da mãe perfeita foi abalado pelas conquistas femininas na década de 1960. A feminilidade foi apartada da maternidade, que deixou de ser o único meio de realização pessoal. As mulheres adquiriram direitos que até então desconheciam e, por conseguinte, passaram a elaborar projetos que não estavam vinculados aos filhos.

Os novos paradigmas suscitaram mudanças na estrutura familiar, e a formação de arranjos familiares cuja essência é, primordialmente, a felicidade, cumplicidade, bem-estar e satisfação pessoal. Assim, para algumas mulheres da atualidade, o papel de mãe não se encaixa mais em sua autoimagem e em seu modelo de vida, desestruturando a ideia de instinto materno.

Embora o número de casais que optam por não ter filhos esteja crescendo, a realização da maternidade pode vir a ser um dilema. As seguintes perguntas nos instigaram a elaborar esse trabalho: as mulheres estão deixando de ser mães para não terem de cumprir com as exigências da maternidade? Existem mulheres que acreditam não serem capazes de ser as boas mães que a sociedade espera?

O trabalho “Sobre a Obrigatoriedade do Amor Materno: um estudo com mulheres que optaram por não ter filhos” não teve por objetivo desconstruir o ideal de amor materno, muito menos afirmá-lo como um mito. Sem dúvida ele é real e está entranhado no coração de muitas mulheres – com ou sem filhos. Nosso questionamento está relacionado à “instituição maternidade”, que demanda da mulher o cumprimento de uma série de exigências para ser considerada uma boa mãe. O objetivo desse trabalho foi:

a) *Objetivo Geral*

- Investigar os sentimentos e as possíveis razões para que as mulheres, na contemporaneidade, escolham não ter filhos.
-

b) *Objetivos Específicos*

- Investigar a infância e a adolescência da entrevistada, visando entender como era a relação com os pais, especialmente com a mãe, e verificando como ela percebe a maternidade.
- Saber como era o casamento da entrevistada e como foi feita a escolha de não ter filhos.
- Verificar o que a entrevistada entende por aspectos positivos e negativos da não maternidade.

O primeiro capítulo da dissertação foi dividido em três partes. Na primeira – *Sob o olhar objetivista e construtivista de linguagem* –, discorremos sobre a formação da consciência, questionando se o amor materno é uma construção ou uma realidade em si, e mostrando a linha de pensamento em que nos apoiamos para elaborar o material. Em seguida, no subcapítulo “*Mito ou verdade*”, fizemos um levantamento histórico, buscando conhecer de que maneira o amor materno se expressava em séculos anteriores. Para finalizar, apresentamos “*Uma nova responsabilidade*”, demonstrando como a concepção de amor presente na contemporaneidade foi estruturada.

O segundo capítulo foi organizado em quatro partes. Para começar, falamos sobre “*Maternidade e feminilidade*”, em que abordamos basicamente o século XX, enfatizando a importância da emancipação feminina, suas conquistas e consequências. Posteriormente, tecemos considerações sobre a formação de novos arranjos conjugais no subcapítulo “*Reconfigurando: formação e consequência de novos modelos familiares*”. Na terceira parte, sublinhamos o quanto “*As representações da maternidade*” ainda se baseiam em ideias construídas no início do século XX. Fechando o capítulo, e nossa parte teórica, dissertamos sobre os casais que optam por não ter filhos, suas dificuldades e seus ganhos em “*Childfree: livre de filhos*”.

No terceiro capítulo, descrevemos como foi realizado nosso estudo de campo enquanto que no quarto capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa realizada com mulheres que optaram pela não maternidade.

Para encerrar, tecemos as últimas considerações sobre o trabalho.